



Louise Michel e a Nova Caledônia, de Kateb Yacine

Louise Michel et la Nouvelle-Calédonie, de Kateb Yacine

Melissa Scanhola¹

DOI: 10.5281/zenodo.13684285

Resumo

A peça teatral *Louise Michel e a Nova Caledônia*, do argelino Kateb Yacine, foi publicada em francês na compilação *Parce que c'est une femme* (2004). Trata do momento do julgamento de Louise Michel até seu exílio na ilha de Nova Caledônia, onde alfabetizou os revolucionários argelinos, deportados por terem participado da resistência na Cabília contra o avanço do exército de ocupação colonial. A obra é uma homenagem de Kateb Yacine à heroína francesa que, ao unir o domínio da língua francesa e a luta por justiça, contribuiu para a construção da história de uma Argélia independente.

Palavras-chave: Argélia; Comuna de Paris; Exílio político.

Résumé

La pièce théâtrale *Louise Michel et la Nouvelle-Calédonie*, de l'Algérien Kateb Yacine, a été publiée en français dans le recueil *Parce que c'est une Femme* (2004). Il s'agit du moment du jugement de Louise Michel jusqu'à celui de son exil dans l'île de la Nouvelle-Calédonie où elle a alphabétisé les Algériens révolutionnaires. Ceux-ci y avaient été déportés pour avoir participé à la résistance kabyle contre l'armée d'occupation coloniale. La pièce est un hommage de Kateb Yacine à cette héroïne française qui a réuni la maîtrise de la langue française et la lutte pour la justice. C'est ainsi qu'elle a contribué à la construction de l'histoire d'une Algérie indépendante.

Mots-clés: Algérie; Commune de Paris; Exil politique.

¹ É mestre em literatura francófona pelo Departamento de Letras Modernas e doutora pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. Atua nas áreas de tradução, literatura francófona e ensino do francês. E-mail: mscanhola@gmail.com.

Louise Michel et la Nouvelle-Calédonie (*Louise Michel e a Nova Caledônia*), do dramaturgo, poeta e romancista argelino Kateb Yacine (1929-1989), foi escrita no início dos anos 1970. Integra, com outras duas peças de teatro do mesmo autor, a compilação *Parce que c'est une femme* (2004).

Kateb, “escritor” em árabe, é o sobrenome do autor, assinado antes do primeiro nome, Yacine. Nascido em Constantina, na Argélia, participou dos movimentos revolucionários que precedem a guerra de independência (1954-1962). Alfabetizado no francês, publicou uma coletânea de poemas, dois romances e diversas peças de teatro.² Inicialmente escrevia suas peças em francês; mais tarde, passou a elaborá-las em árabe dialetal e na língua berbere (tamazigue).

Fig. 1 - Kateb Yacine autografando a obra *Nedjma* em 1956

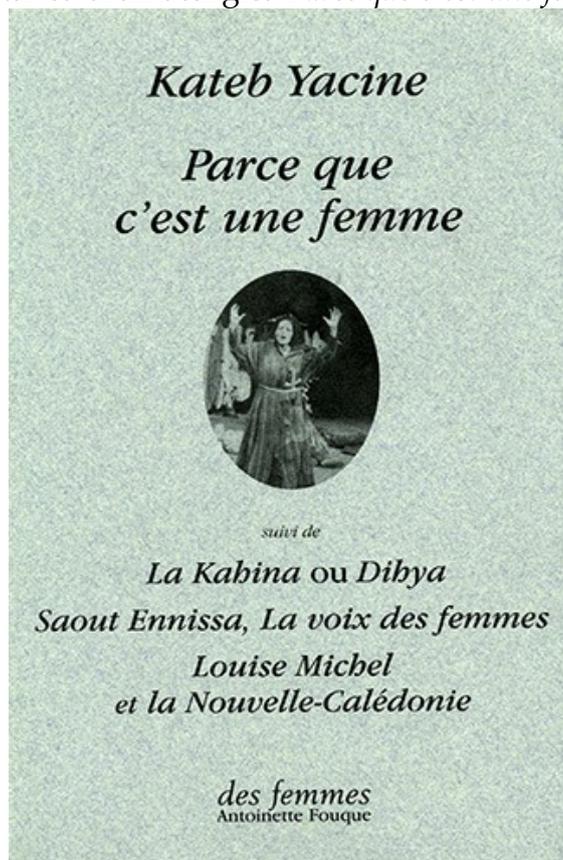


Fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Kateb_Yacine#/media/Fichier:Kateb_Yacine_Nedjma_authograph.jpg.

² Entre suas principais produções, encontram-se uma coletânea de poemas, *Soliloques* (1946), os romances *Nedjma* (1956) e *Le polygone étoilé* (1966), a peça *L'homme aux sandales de caoutchouc* (1970) e as compilações de peças teatrais *Le cercle des représailles* (1959) e *Boucherie de l'espérance* (1999).

Como dramaturgo, investiu no propósito de transportar a História ao teatro. Apresentar a experiência revolucionária de outros povos foi um modo de fazer com que os argelinos relativizassem a fatalidade de sua própria história (Chergui, 2004, p. 8-9). As produções teatrais de sua fase tardia tratam da releitura de algumas personalidades históricas³ e das consequências da colonização, como as guerras, as revoluções, a exploração e opressão dos povos por governos autoritários e pelo capitalismo tardio.

Fig. 2 – Capa da coletânea dramaturgic*a* *Parce que c'est une femme*, de Kateb Yacine



Fonte: <https://www.desfemmes.fr/litterature/parce-que-cest-une-femme/>.

A compilação *Parce que c'est une femme* é dedicada a três mulheres que, em diferentes momentos, construíram a história da Argélia.⁴ A intenção de contar suas

³ Além de *Louise Michel et la Nouvelle-Calédonie*, dedicada a Louise Michel, encontramos *Le bourgeois sans-culotte ou Le spectre du parc Monceau*, peça que tem como personagem central Maximilien Robespierre, publicada na compilação *Boucherie de l'espérance* (1999).

⁴ A primeira peça, *La Kahina ou Dihya*, resgata a história da rainha berbere, considerada uma bruxa na luta contra os romanos no século VII. A segunda, *Saout Ennissa, La voix des femmes*, é a mãe do rei de Tlemcen, quando era capital do Magreb central no século XIII. A peça contém trechos dos relatos do historiador árabe Ibn Khaldoun (1332-1406). A realidade dessas duas heroínas argelinas é mostrada ao público a fim de relativizar suas histórias, posteriormente deformadas pelo peso ideológico. Ao mesmo tempo, revela que as mulheres de todas as condições apresentavam certa emancipação social antes mesmo do feminismo contemporâneo.

histórias é uma reação contra a alienação que, ao longo dos séculos, atenuou a importância dessas mulheres na construção de uma Argélia independente. Na apresentação da obra, Zebeïda Chergui (2004, p. 9) declara que, por meio do teatro de Kateb Yacine, uma contra-história é escrita no intuito de vencer a mentira e a amnésia das novas gerações. Essas personagens, provenientes de um lugar marginalizado do passado, irrompem no presente para reviverem e afirmarem a força irredutível de seu povo, dentro do caráter cíclico da história.

[...] a história de outrora mostra a que ponto a história de hoje é pequena quando pretende provar os progressos realizados no que concerne ao passado, porque os antigos acometimentos de terror parecem os de hoje, e as experiências se repetem de maneira perturbadora por séculos e a quilômetros de distância (Chergui, 2004, p. 8).⁵

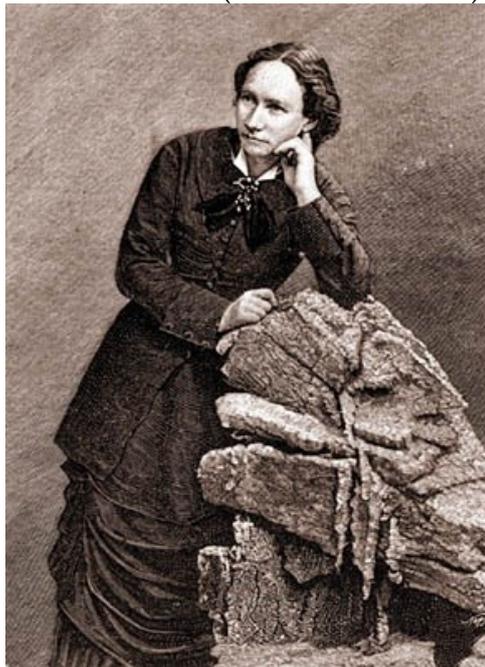
Além disso, essas heroínas desempenham um papel fundamental em torno de dois temas essenciais para Kateb Yacine: a terra e a língua. Quanto a Louise Michel, a luta em favor da Argélia ocorreu durante seu exílio na ilha de Nova Caledônia, arquipélago situado no Oceano Pacífico. A peça se passa no intervalo de tempo entre o momento em que Louise Michel foi a julgamento no tribunal até ser deportada para a ilha, onde estabelece comunicação com os Canacas, povo originário. Seu exílio se deve à participação na Comuna de Paris, em 1871.

Louise Michel nasceu em 1830, ano em que as primeiras embarcações francesas chegaram à Argélia. Filha do herdeiro de um castelo no qual sua mãe trabalhava, foi educada pelos avós paternos em um ambiente humanista e libertário, sob as bases do pensamento de Voltaire. Foi professora e poeta, colaboradora de jornais da oposição; participou de reuniões políticas até presidir o comitê de vigilância republicano do 18º *arrondissement* em Paris, ao lado de Théophile Ferré.

Durante a Comuna, atuou na mobilização das mulheres, na organização das escolas infantis e nas barricadas de Montmartre. Na ilha de Nova Caledônia, aprendeu a língua dos Canacas, apoiando-os na luta contra a desapropriação de terras pelos franceses. Alfabetizou os revolucionários argelinos e seus filhos, também deportados na ilha, e assim colaborou com a luta anticolonial argelina.

⁵ Tradução nossa do original: “[...] l’histoire d’autrefois montre à quel point l’histoire présente est petite quand elle prétend prouver les progrès réalisés au regard du passé, parce que les anciennes entreprises de terreur ressemblent à celles d’aujourd’hui et que les expériences se répètent de façon troublante à des siècles ou des kilomètres de distance.”

Fig. 3 – (Esq.) Registro fotográfico de Louise Michel, *circa* 1880. **Fig 4.** – (Dir.) Gravura de Louise Michel durante a deportação para a Nova Caledônia (entre 1873 e 1880).



Fonte: (Esq.): https://fr.wikipedia.org/wiki/Louise_Michel#/media/Fichier:Louise_Michel,_grayscale.jpg.

(Dir.): <http://www2.culture.gouv.fr/culture/actualites/celebrations2005/lmichel.htm>.

A tradução da peça se inspira nas teorias de Henri Meschonnic (2010) no que concerne ao ritmo na linguagem, privilegiando o sujeito dentro de uma historicidade. O ritmo, esse aspecto fundamental da literatura, “pode aparecer como a organização do movimento na palavra, a organização de um discurso por um sujeito e de um sujeito por seu discurso”. Portanto, não se trata da sua relação com o som e a forma, mas da organização da historicidade do texto (Meschonnic, 2010, p. 61-62). Esse fator, essencial na tradução da peça de Kateb Yacine, mostra que a historicidade se encontra em estreita relação com “a especificidade das formas de linguagem como formas de vida” e, assim, com a transformação das relações interculturais. (Meschonnic, 2010, p. 3-4). Na tradução para a língua portuguesa, opta-se por preservar uma linguagem coloquial e a sonoridade de certos trechos, como aqueles que apresentam versos carregados de lirismo. Nessas passagens, a tradução se atém a priorizar o sentido, mantendo, dentro do possível, algumas rimas, assonâncias e aliterações, como traz o texto original.

A fim de mostrar ao leitor o aspecto lírico da obra, o recorte da tradução trata de uma passagem da primeira metade da peça, em que Louise Michel, após ser condenada à prisão perpétua, dialoga com Rochefort e o capitão Launay no navio em direção à ilha de

Nova Caledônia. O tempo transcorre do momento em que o navio veleja em alto-mar até a chegada na ilha. Ao atracar no cais, são recebidos pelos outros *communards*, o coro dos deportados, no qual se encontra Lacour.

Cabe registrar os sinceros agradecimentos à editora francesa Des femmes-Antoinette Fouque, que gentilmente permitiu a publicação desta passagem:

(No navio veleiro La Virginie, Louise Michel e Rochefort se encontram por acaso e se abraçam.)

ROCHEFORT:

Finalmente te encontrei!

LOUISE MICHEL:

E eu que te procurei em Paris durante toda a Comuna...

ROCHEFORT:

Aqui estamos, dessa vez juntos por um longo tempo.

Como você está?

LOUISE MICHEL:

Bem. Estamos em vinte e duas na cela feminina.

ROCHEFORT:

E nós, cento e vinte três homens, dos quais sessenta são argelinos, insurgentes também, detidos em combate. Vamos todos para a prisão da Nova Caledônia.

LOUISE MICHEL:

É longe?

ROCHEFORT:

No fim do mundo.

LOUISE MICHEL:

E lá se parece com o quê?

ROCHEFORT:

Com uma ilha de trezentos metros de comprimento e quarenta de largura. É tudo o que sei... Mas aí está nosso capitão.

(Entra o capitão Launay.)

ROCHEFORT:

Diga-nos, Capitão, quanto tempo vai durar a viagem?

CAPITÃO LAUNAY:

Pelo menos quatro meses, se tivermos ventos favoráveis. Caso contrário, pode durar oito meses.

ROCHEFORT:

Num navio ruim assim, teremos tempo suficiente para naufragarmos completamente.

CAPITÃO LAUNAY:

É uma fragata a velas que não voltou para o mar há mais de vinte anos. Três comandantes recusaram fazer essa viagem. Aceitei de última hora. É uma longa história. A última vez, em 1848, embarcaram sob meu comando uma freira e seu confessor. Marinheiros os surpreenderam fazendo amor. Veja aí o escândalo. O almirante eclesiástico ficou zangado comigo. E fiquei de quarentena...

ROCHEFORT:

Capitão Launay, o senhor é um homem corajoso. Outra pessoa não dirigiria a palavra a futuros prisioneiros como nós...

CAPITÃO LAUNAY:

Vocês foram deportados, mas os ventos podem virar. Sei disso por experiência. Em 1848, quando voltava das Índias, me deparei em Brest com a revolução de 24 de fevereiro. Foi a

volta da República. Em 1851, regressando da China, encontrei o Império. Depois, no ano passado, voltando para Toulon, não era mais “Viva o Imperador”, mas “Viva a República”.

ROCHEFORT:

Sempre, tudo recomeça, nada nunca acaba.

LOUISE MICHEL:

Sim, a terra se movimenta, como as estrelas, de revolução em revolução.

(O capitão se afasta.)

ROCHEFORT:

Não longe do polo por onde passamos,
à deriva sobre a geleira andamos,
Impelidos pela velocidade obtida.
Penso então naqueles que triunfaram
Não sabemos que seus corações
São tão frios quanto a banquisa?
Esse poema é para você, Louise,
Ele vem a mim nesse instante...

LOUISE MICHEL:

Para você, tenho tanto quanto
Pois desde muito tempo
Usamos o mesmo emblema
E compomos a dois um só poema.

ROCHEFORT:

Já que a embarcação do Estado
Viaja de crime em atentado
Em um mar de infâmia,
Já que aqui está a ordem moral,

Saudemos o oceano austral,
E fiquemos no *La Virginie!*

LOUISE MICHEL:

Mais longas, ó ondas, mais forte, ó ventania!
Que sobre nós o relâmpago se ilumine,
Avante, avante, embarcações!
Por que essa brisa, ó monotonia?
Abram as asas, ó furacões,
Atravessemos o abismo boquiaberto.

ROCHEFORT:

Veremos em outros nortes
Os fracos devorados pelos fortes,
Assim como o código nos é dado.
O grito é “maldição aos vencidos!”
Não estávamos convencidos
Antes de partirmos para o outro lado?
(*Sirene. O capitão aparece novamente.*)

LOUISE MICHEL:

E então, estamos chegando?

O CAPITÃO:

Sim, chegamos.

(*Os deportados desembarcam. Em terra encontram um outro grupo de communards que esperam por eles.*)

LOUISE MICHEL:

Nossos amigos estão aqui.

(*Dirigindo-se a um deles*)

É você, Lacour?

LACOUR:

Sim, sou eu!

LOUISE MICHEL:

Você que ficou zangado comigo em Neuilly...

LACOUR:

É que você tinha um órgão de barbárie⁶ na barricada!

(Eles se abraçam.)

CORO DOS DEPORTADOS:

Viva a Comuna!

LOUISE MICHEL *(sozinha)*:

Aqui, na vastidão do esquecimento, o selvagem silêncio

Nesse mundo escondido, continente em crescimento,

Escutam-se os elementos.

E depois, tudo some, as colinas com franjas de sombra

Esfumaçam-se suavemente, e a Ilha Nou mais sombria

Banha nas ondas sua sombra...

Referências

CHERBI, Zebeïda. Présentation. In: KATEB, Yacine. **Parce que c'est une femme**. Paris: Éditions Des Femmes-Antoinette Fouque, 2004.

KATEB, Yacine. **Soliloques**: poèmes. Paris: La découverte, 1991.

KATEB, Yacine. **Le cercle des représailles**. Paris: Édition du Seuil, 1959. (Collection Points)

KATEB, Yacine. **L'homme aux sandales de caoutchouc**: théâtre. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

⁶ "Órgão de barbárie" é a tradução literal de "orgue de barbarie", que significa realejo. Priorizamos fazer uma tradução literal, pouco usada, para manter o trocadilho da frase.

KATEB, Yacine. **Nedjma**. Paris: Édition du Seuil, 1996. (Collection Points)

KATEB, Yacine. **Le polygone étoilé**. Paris: Édition du Seuil, 1997. (Collection Points)

KATEB, Yacine. **Boucherie de l'espérance**. Paris: Éditions du Seuil, 1999. pp. 453-567

KATEB, Yacine. Louise Michel et la Nouvelle-Calédonie. In: KATEB, Yacine. **Parce que c'est une femme**. Paris: Éditions Des Femmes-Antoinette Fouque, 2004.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. (Coleção Estudos, 257).

Submetido em: 11 out. 2023

Aprovado em: 22 jan. 2024